



**FACULDADE ANGEL VIANNA
DANÇA, LICENCIATURA PLENA**

JEFFERSON LUIZ DAS NEVES MIRANDA

**A HISTÓRIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO SAMBA DE GAFIEIRA NO RIO DE
JANEIRO**

**Rio de Janeiro
2021**

JEFFERSON LUIZ DAS NEVES MIRANDA

A HISTÓRIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO SAMBA DE GAFIEIRA NO RIO DE
JANEIRO

Monografia apresentada como requisito
para Conclusão de Curso de Graduação
em Dança, Licenciatura Plena, pela
Faculdade Angel Vianna.

Orientador (a): Prof. Ana Bevilaqua Penna
Franca

Rio de Janeiro
2021

M672h MIRANDA, Jefferson Luiz das Neves
A história da profissionalização do samba de gafieira no Rio de Janeiro. / Jefferson Luiz das Neves Miranda. – Rio de Janeiro, 2021.
29 f. ; 30cm.

Orientadora: Ana Bevilaqua Penna Franca
Monografia de conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena (Licenciatura em Dança) - Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2021.

3. Corpo – Movimento. 2. Dança de salão. 3. Samba. 4. Performance (Arte). 5. Cultura popular. I. FRANCA, Ana Bevilaqua Penna. II. Faculdade Angel Vianna. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus Orixás por terem me dado força nos momentos difíceis e confiança de tornar possível chegar onde eu quisesse, mesmo com todos os obstáculos no caminho. Axé.

Agradeço à minha família e, em especial, minha mãe, Ana Maria das Neves, e minha vó, Rosa Maria, que sempre me criaram para viver, sentir a vida e todas as suas possibilidades. Elas são a minha principal fonte de inspiração para poder viver da arte e dança. Meu pai, Antônio Carlos, e ao meu irmão, Gerson Carlos, que sempre me apoiam em qualquer decisão que eu tenha na vida e na arte.

Agradeço ao meu falecido pai, Luiz Carlos de Miranda, que me apoiou em minha escolha pela dança e um dia me falou que eu tinha potencial para entrar no quadro Dança dos Famosos. Quando entrei, infelizmente, não estava mais em vida para me acompanhar nessa jornada artística. Como herança, carrego o seu sobrenome, Miranda, que sempre estará comigo. Em toda minha vida acadêmica.

Agradeço aos meus queridos alunos a quem chamo todos de amigos. Se não fossem vocês, sempre me estimulando para me capacitar e para me tornar um profissional ainda mais qualificado, esse caminho teria sido um pouco mais árduo.

Agradeço a todos os professores dessa incrível instituição que me proporcionaram ensinamentos únicos e verdadeiros para minha construção acadêmica, profissional e da vida pessoal.

Agradeço aos funcionários. Irany, Aline, Rose, Elder e Gabriel. Vocês tiveram um carinho e uma atenção única comigo! Gratidão pela força em momentos importantes.

Agradeço à amiga Izabel Nuñez por toda a ajuda, carinho, afeto e acolhimento. Obrigado, minha sócia.

Agradeço, em especial, ao casal de amigos Nádia Borges e Eduardo Debaco. Dudu, sem você nada disso estaria acontecendo. Gratidão por todo o apoio incondicional que me proporcionou do início ao fim desta longa etapa de minha vida.

Agradeço à Thati Bela, minha companheira, que suportou meus devaneios durante as dificuldades e me acolheu me dando amor e suporte para continuar sem desistir.

Agradeço aos meus amigos profissionais de dança que me concederam diversas entrevistas em forma de lives nesse momento mais difícil, humanamente falando, que foi a pandemia da Covid 19.

Agradeço minha orientadora Ana Bevilaqua por todo o carinho e, principalmente, a paciência e doçura comigo.

E, especialmente, ao meu mestre Isnard Manso, que plantou essa semente de me conectar à cultura popular brasileira e de ser apaixonado e valorizar a cultura carioca e especialmente o Samba. Você é a pessoa que mais me estimula na arte e na vida. Carrego comigo todos os ensinamentos e assim como me ensinou, contribuirei para o mundo com sua filosofia de trabalho. O Samba sempre será o gerador principal de movimento e o baile continua.

RESUMO

MIRANDA, Jefferson Luiz das Neves. **A História da profissionalização do samba de gafieira no Rio de Janeiro**. 2021. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Dança, Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2021.

Aborda-se a história da profissionalização do Samba de Gafieira, desde o seu começo, no início do século XX, até os dias atuais. A chegada da família real e o surgimento do Maxixe, de forte influência africana, formam a base para a origem do Samba nas ruas do Rio de Janeiro. O Samba de rua misturado com as tradições europeias produz o Samba de Gafieira dançado nos clubes e salões da época denominados Gafieiras. A popularização e massificação abrem espaço para a profissionalização da dança através da criação de escolas e concursos de dança. Nos dias atuais esse mercado de trabalho é formado por escolas de dança, bailes, shows e eventos, gerando emprego e renda para um grande número de profissionais com variadas funções.

Palavras-chave: Dança de salão. Samba de gafieira. Bailes. Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	ORIGENS CULTURAIS DO SAMBA DE GAFIEIRA.....	8
2.1	Surgimento do samba.....	10
2.2	Espaços formais de dança.....	11
3	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SAMBA DE GAFIEIRA.....	14
3.1	Surgimento das escolas de dança de salão.....	14
3.2	Relação dos palcos e concursos com o salão.....	16
4	MERCADO ATUAL.....	18
4.1	Escolas de dança.....	18
4.2	Circuitos de bailes do Rio de Janeiro.....	21
4.3	Shows e eventos.....	23
5	CONCLUSÃO.....	26
	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O Samba de Gafieira conecta o passado e o presente da cultura popular carioca. As raízes de matrizes africanas fundidas com a tradição europeia trazida pela família real deram origem a esse ritmo único na virada do século passado. Com a popularização dos espaços de dança e o aumento do público frequentador, surge a oportunidade para criação de escolas e concursos de dança. Ainda hoje promove a socialização dos frequentadores dos bailes, escolas e eventos em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, gerando emprego e renda para pessoas que trabalham de maneira formal e informal nessas atividades.

Os escravizados com suas sonorizações percussivas oriundas de suas etnias africanas mesclavam seus movimentos de corpos com as tradições locais gerando uma interpretação própria. Dessa mistura nasce o Maxixe que é o primeiro ritmo brasileiro, unindo a dança de salão de origem europeia com a batucada africana. Nas ruas do Rio de Janeiro por entre becos e vielas desenvolve-se o Samba, um ritmo de origem afrobaiana e de sotaque carioca. Mais tarde, nas Gafieiras, onde negros, mestiços e brancos proletarizados realizam suas atividades de lazer, o Samba de rua trazido para dentro desses espaços marginalizados faz surgir o Samba de Gafieira, um estilo de dança fortemente influenciado pelo Maxixe.

Com a multiplicação dos locais de dança como as Gafieiras e Dancings em toda cidade, observa-se que há uma massificação dos frequentadores. Isso abre espaço para uma institucionalização e comercialização dessas danças sendo implementadas as primeiras escolas de dança pelas famílias Moraes e Reis, que são as pioneiras no Centro e na Zona Sul. Com essa popularização muitos espaços abrem concursos de dança para promover profissionais e levar os dançarinos para os palcos exibindo a performance do Samba de Gafieira. Com a falta de publicações e artigos acadêmicos, as letras das músicas sobre esse período tornam-se uma das principais fontes para a compreensão do tema.

As escolas e clubes de dança proporcionam seus tracionais bailes, regulares e semanais, que servem para a prática e desenvolvimento da dança e a socialização dos praticantes. Ainda hoje é possível dançar por toda a cidade do Rio de Janeiro em qualquer dia da semana e em diferentes bairros, especialmente no Centro.

Esses eventos realizam o encontro de gerações, promovendo o trabalho dos profissionais de dança nacional e internacionalmente. Todas essas atividades propiciam trabalho e renda para um grande número de pessoas através da dança. Especialmente sobre o período mais recente do Samba de Gafieira, há pouca informação publicada de forma que grande parte de conteúdo vem da vivência deste autor e de entrevistas com profissionais do mercado.

Essa monografia possui quatro capítulos além dessa introdução. No segundo capítulo fala-se da origem cultural do Samba de Gafieira, do Samba e dos espaços formais de dança. Já no terceiro trata-se da sua institucionalização, das primeiras escolas e dos concursos de dança. No quarto, destaca-se o mercado atual, formado pelas as escolas de dança, circuito de bailes, shows e eventos e o quinto, conclui.

2 ORIGENS CULTURAIS DO SAMBA DE GAFIEIRA

Eu quero o Rio antigo
Com crianças na calçada
Brincando sem perigo
Sem metrô e sem frescão
O ontem no amanhã

(...)

Quero o chá dançante lá no clube
Com Waldir Calmon
Trio de Ouro com a Dalva
Estrela Dalva do Brasil

Rio Antigo – Mário Lago e Chico Anísio

O Samba de Gafieira é uma ramificação, um subgênero do Samba. Há que se entender, também, a dança de salão, quando surge no Rio de Janeiro, vinda com a corte de Dom João VI, que também trouxe novas normas e costumes. Quando o Samba vai para os salões de baile dá origem ao Samba de Gafieira. (PERNA, 2005)

Com a chegada da família real, no século XIX, ocorre uma importante transformação cultural, quando o Rio de Janeiro se torna a capital do império. Junto com a nobreza chega uma série de manifestações artísticas, novos hábitos sociais que se vão incorporando ao cotidiano da cidade. A dança praticada nos salões da nobreza europeia chega na bagagem desses novos habitantes e também sofre influências da capital do império (PERNA, 2005; VEIGA, 2011).

Nas senzalas, quando descansavam depois de um dia de trabalho pesado, os escravizados preservavam a cultura de sua origem. Para manter o corpo fortalecido foi criada, com os restos que sobravam da casa grande, a feijoada, que hoje faz parte da nossa herança cultural. Os tambores ecoavam em forma de manifestação religiosa e também de lazer. Com o corpo, em forma de dança, escondiam uma luta que servia de defesa pessoal, a Capoeira, e seguia o ritmo da música. Foram obrigados a cultuar a religião católica, reprimindo a ancestralidade africana

representada pelo culto aos orixás (LOPES, 2014). Em todas essas formas de repressão e violência, encontravam formas de pensar e agir que permitissem a sua adaptação e sobrevivência em um ambiente hostil, em que pese a literatura muitas vezes retratá-lo como um ambiente alegre e criativo.

Com as misturas das sonorizações rítmicas da corte portuguesa a música ganha novos elementos e harmonização e nasce o Maxixe bem brasileiro e de sotaque carioca. Essa mistura de sonoridades se estabelece nos corpos dos escravizados e se manifesta em seus rituais religiosos e festejos. Nas senzalas as danças eram muito mais vivas do que as danças de salão da corte. Das novas atividades europeias os escravizados reinventam suas atividades de lazer e dançam essa nova música forte, quente, sensual que também espelha a Polca e o Lundú. O Maxixe quebra as normas de conduta socialmente aceitas, principalmente nos bailes mais elitizados ao ter o contato físico entre os corpos em um lugar público sob o olhar crítico de uma sociedade completamente tradicionalista, elitista, machista e de preservação cristã. (EFEGÊ, 1974)

O Maxixe, é uma expressão cultural tipicamente carioca, em contraposição às danças da nobreza, rompe com as normas de conduta e etiqueta permitidas em locais públicos. Há um contato entre os corpos que não era permitido tornando-se um lugar cinestésico, imbuído de sensações. Também é um ambiente de trocas, conversas e vivências, com destaque para a música e a dança. O “samba de salão” brasileiro surgiu na Gafieira porque era o lugar onde era aceito, onde as pessoas já estavam habituadas com o Maxixe. (EFEGÊ, 1974)

Em abril de 1906, na Revista Kosmos, Olavo Bilac descreve a geografia moral da cidade do Rio de Janeiro e os clubes dançantes de então. Antes de existirem os bailes de samba, existiam os clubes dançantes, grêmios recreativos sociais onde as famílias se encontravam. Entre os públicos marginalizados e menos favorecidos esses ambientes vão ser chamados pejorativamente de Gafieiras, onde diversos ritmos eram ouvidos e não só o que hoje chama-se de Samba de Gafieira. Segundo Tinhorão (*apud* NOBRE, 2014), esse será o primeiro espaço de socialização dos negros após a escravidão, o primeiro espaço de dança e entretenimento dessa população, sendo que cada lugar tinha o seu modo de funcionar com suas regras próprias.

2,1 Surgimento do samba

O Samba é o traço mais marcante da cultura popular brasileira. Foi proibido, censurado, oprimido e coibido pela a elite. A sua origem está ligada diretamente à vida e aos aspectos culturais dos escravizados que aqui viviam. “O samba, como conhecemos atualmente, tem origem afro-baiana, temperado com misturas cariocas”. (SALOMÃO, 2004). Nas ruas do Rio de Janeiro, ganha força e resistência na casa de Hilária Batista de Almeida (Tia Ciata). Percebemos ali um aquilombamento, pois nesse lugar havia a preservação e o culto no sentido religioso e de manifestação rítmica e social. É lá que surge o primeiro Samba registrado e gravado, *Pelo Telefone*, composto por Donga em 1917 (MOURA, 1995).

Os negros celebravam as festas de suas origens africanas na região da Pequena África (desde a Praça Mauá até a Cidade Nova). Essas manifestações culturais dos negros e mestiços sempre foram consideradas inferiores pela elite. Em suas composições as letras traziam a realidade e denunciavam as situações vividas pós abolição, havendo proibição à prática dessas manifestações na rua. As “bairanas” trazem isso para dentro de suas casas como forma de ludibriar as autoridades, dando origem aos terreiros. A música *Batuque na Cozinha*, de João da Baiana, assíduo frequentador da prisão, é um ótimo exemplo da crítica social que tanto incomodava a elite. O Samba é visto como primitivo, inferior e libertino pelas autoridades e pela a elite – escondido nos fundos das casas das bairanas, nas ruas do Centro da cidade e acompanhando a migração da população mais pobre e dos ex-escravizados para os morros. Muitos compositores eram tratados como marginais (LOPES, 2014).

Com Wenceslau Brás, o terreiro da Tia Ciata ganha uma proteção política após um episódio onde é chamada para curar com ervas medicinais problemas de saúde do Presidente (MOURA, 1995). Com isso é facilitada a assimilação do Samba pela elite da cidade. Essa época coincide com a proliferação dos Clubes Recreativos, que mais tarde vão se tornar G.R.E.S – Grêmios Recreativos Escolas de Samba, em todas as classes e regiões da cidade. Na década de 30 nasce o partido alto que reinventa os costumes e o cotidiano com muito bom humor, nessa época também surge o Samba Enredo. A classe média começa a consumir Samba e

observa-se nas rádios um “embranquecimento” da música. Nas rádios, as músicas que continham as críticas sociais dos negros foram sendo substituídas por músicas destinadas aos brancos, jovens e de classe média do Rio de Janeiro. (ESTEVEZ, 1996)

2.2 Espaços formais de dança

Os bailes da elite eram um dos poucos locais onde as pessoas podiam ter contato físico com o sexo oposto de maneira social. Nesses lugares havia uma preservação de normas, costumes e da moralidade familiar. E também existiam as danças semelhantes às danças de salão europeias. Nesses espaços há uma heterogeneidade segregada com a incorporação de diferentes classes sociais em diferentes bairros. Quando Bilac (1906) descreve a geografia moral da cidade e os clubes dançantes do subúrbio do Rio de Janeiro, mais afastados do Centro e Zona Sul, há uma mistura de negros, mestiços e brancos proletários. Essas diferenças sociais marcavam a forma de se dançar a dois que assumia a identidade cultural das diferentes regiões e classes sociais.

No início do século XX, situado nos lugares menos abastados e pouco acessíveis na cidade do Rio de Janeiro, as Gafieiras surgem como símbolos de resistência e contestação dos valores e comportamento da sociedade da época. É um lugar de entretenimento, aceitação e preservação de origens, raízes e matrizes africanas logo após a escravidão. Nesses ambientes a música serve como um fio condutor, transformando em dança e preservando elementos do Samba de rua. Nasce o Samba dançado a dois, o Samba de Gafieira, como um subgênero do Samba, que sofre a influência das danças que eram praticadas nos salões da nobreza, a dança de salão.

Por volta de 1915, a Kananga do Japão, situada na Praça XI, torna-se uma Gafieira bastante conhecida. Em 1917, o termo Gafieira é usado, possivelmente pela primeira vez nos meios impressos, em um artigo do Jornal Avenida Central referindo-se a esse local (VEIGA, 2011). A dança que vai dar origem ao estilo que depois vai ser conhecido como Samba de Gafieira, nasce nesses locais, longe da

elite de Botafogo, Flamengo e Catete. Vai se desenvolver nos locais mais afastados do Centro do Rio de Janeiro, a exemplo das adjacências da Praça da República. É ali que nasce a Gafieira Elite uma das mais antigas e longevas, imortalizada na letra de João Nogueira e Nei Lopes, e que resistia até o início da pandemia de Covid-19, em 2020. Mas os bairros de elite não ficaram muito tempo alheios a essa nova manifestação cultural, um exemplo disso é o surgimento da Gafieira Estudantina no bairro do Flamengo e que depois foi para o Catete antes de fechar as portas no endereço atual na Praça Tiradentes, no Centro da cidade. Fala-se aqui de aspectos da socialização da população da Capital da República sobre os quais há escassa documentação escrita (VEIGA, 2014).

Fui a um baile no Elite, atendendo a um convite
Do Manoel Garçom (Meu Deus do Céu, que baile bom!)
Que coisa bacana, já do Campo de Santana
Ouvir o velho e bom som: trombone, sax e pistom.
O traje era esporte que o calor estava forte
Mas eu fui de jaquetão, para causar boa impressão
Naquele tempo era o requinte o linho S-120
E eu não gostava de blusão (É uma questão de opinião!)

Passei pela portaria, subi a velha escadaria
E penetrei no salão.
Quando dei de cara com a Orquestra Tabajara
E o popular Jamelão, cantando só samba-canção.
Norato e Norega, Macaxeira e Zé Bodega
Nas palhetas e metais (E tinha outros muitos mais)
No clarinete o Severino solava um choro tão divino
Desses que já não tem mais (E ele era ainda bem rapaz!)

Baile no Elite – João Nogueira e Nei Lopes

Em cada Gafieira existiam regras próprias de comportamento para assegurar que os frequentadores respeitassem o ambiente. No alto da portaria da Gafieira Estudantina Musical existe quadro de regras o “Estatuto da Gafieira” retratado em um conhecido samba de Billy Blanco (VEIGA, 2011).

Moço, olha o vexame,
O ambiente exige respeito,
Pelos estatutos da nossa gafieira,
Dance a noite inteira, mas dance direito!
Aliás, pelo artigo 120,
O cavalheiro que fizer o seguinte:
Subir na parede, dançar de pé pro ar,
Morar na bebida sem querer pagar,
Abusar da umbigada de maneira folgazã,
Prejudicando hoje o bom crioulo de amanhã,
Será distintamente censurado,
Se balançar o corpo, vai pra mão do delegado.
Tá bem, moço?

Estatutos da Gafieira - Billy Blanco

Nas décadas de 40 a 60, os “dancings” eram lugares um pouco mais elitizados e que conversavam com as Gafieiras. Nos dancings, ocorria a mercantilização da dança, os frequentadores pagavam o seu consumo através dos cartões que recebiam na entrada. As dançarinas, ou “taxi girls”, recebiam por cada registro em seu cartão. Exemplos disso eram os dancings: El Dourado, na Praça Tiradentes, Avenida, na Avenida Central hoje Rio Branco e Café Nice na parte central do Rio de Janeiro. Este último era também um conhecido ponto de compra e venda de letras de Samba (VEIGA, 2011).

Como num romance
O homem dos meus sonhos
Me apareceu no dancing

A História de Lilly Braun – Chico Buarque

3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SAMBA DE GAFIEIRA

Olha eu aí
Levantando a minha bandeira
Levantando poeira
Eu sou a gafieira...bem à brasileira

A Volta da Gafieira - Alcione

Com a proliferação e a popularização dos espaços de dança, surgem novas instituições, que buscam disseminar e comercializar o Samba de Gafieira, com destaque para as escolas e concursos de dança. Diferentemente das escolas de samba, o Samba de Gafieira não conta com instituições exclusivas e nem políticas públicas para o seu desenvolvimento, além de ter pouco espaço na mídia e nos palcos. Nesse aspecto fica atrás de outros ritmos como o Tango, Salsa e até mesmo o Forró, que geralmente contam com espaços exclusivos e maior apoio do poder público enquanto estilos de dança a dois. No caso do Samba de Gafieira, o desenvolvimento institucional ocorreu de maneira muito mais espontânea e em função do esforço dos profissionais, empreendedores e frequentadores.

3.1 Surgimento das escolas de dança de salão

Os irmãos Vasco e Oscar Moraes chegaram a ter cinco escolas no seu auge, três das quais no Centro da cidade além de uma em Niterói e outra em Copacabana, e foram pioneiros em pensar uma estrutura de escola de dança. No início dos anos 40, decidem investir seu dinheiro da faculdade de direito abrindo a primeira escola de dança e pela primeira vez se ensinavam técnicas para dançar Samba de Gafieira de forma mais estruturada. A escola seguia uma hierarquia: diretor, professor, instrutor, bolsista e aluno mensalista. Eles começam a ter a visão da importância da comercialização e profissionalização da dança de salão, uma vez que eram ensinados diversos ritmos além do Samba.

Até então, na dança de salão não havia formação e capacitação profissional. O pensamento dos irmãos foi dar valor a quem ensinava, formalizando as relações de trabalho daqueles que estavam dispostos a trabalhar e viver de dança. O objetivo da escola era trazer as famílias para o ambiente dançante, um espaço familiar inclusivo, considerando que a dança é para toda a família. Muitos profissionais passaram por essa formação do início ao fim, nomes como: Maria Antonieta, Ieda Cardoso e Marinita, que foi morar na Alemanha. Destaca-se Maria Antonieta, que foi um baluarte da dança de salão brasileira, começou como bolsista e veio a ser professora nessa escola. No início dos anos 70, fecha a última unidade da academia Moraes devido às obras de revitalização do Largo da Carioca. Maria Antonieta continuou seus estudos sozinha, em casa, onde também dava aulas de dança. Ali ela formou, entre outros, Jaime Arôxa que é um importante artista e empresário até hoje no mercado de escolas de dança de salão do Rio de Janeiro (DRUMMOND, 2004).

No início dos anos 80, uma família que hoje está na sua quinta geração de artistas, sai dos subúrbios e traz um novo frescor para as escolas situadas no Centro e Zona Sul. A família Reis, protagonizada pela irmã mais velha, Verinha Reis, traz suas vivências de disputa de campeonatos e junto com os irmãos Gerson, Homero, Antônio e a caçula Yolanda Reis ganham praticamente todas as disputas na Baixada Fluminense, Centro e Zona Sul. No início dos anos 1980, abrem a primeira escola da família Reis no Catete. No final dos anos 80, expandiram a área de atuação preservando o Samba de Gafieira na Baixada Fluminense e no subúrbio do Rio de Janeiro. A família Reis foi revolucionária ao quebrar o padrão do modo de dançar na Zona Sul. Faziam uma conexão com uma dança mais tradicionalista, preservando os conhecimentos absorvidos da cultura oral e assimilando a dança dos bailes nas aulas. Eram mais despojados, eloquentes e vibrantes do que as demais escolas de dança dos bairros mais abastados. Entretanto, faltou uma gestão administrativa e fecharam todas as unidades na Zona Sul. Hoje em dia, mantêm uma unidade de dança em Nilópolis, liderada por Michele Reis.

Atualmente, Yolanda Reis mora em Buenos Aires, na Argentina, trabalha lá com Samba no Pé. Verinha Reis faleceu na pandemia do Coronavírus em 2021. A família não teve o reconhecimento midiático referente à revolução que trouxeram para a modalidade.

3.2 Relação dos palcos e concursos com o salão

Para validar o status de exímios dançarinos de salão, são realizadas até hoje competições que ganharam força em meados dos anos de 1980. Esses concursos de dança de salão eram realizados em locais como: G.R.E.S. Estácio de Sá, G.R.E.S. Império Serrano, Beer Clauser, Café Nice, Estudantina, Arpoador, Petrópolis e Castelo da Pavuna (VEIGA, 2011). Atualmente, eles acontecem no Dança dos Famosos, Dancing Brasil e Gafieira Brasil, entre outros. Nos tempos atuais, as competições são exibidas pela televisão e/ou internet, dessa forma, alimentam o mercado da dança e atraem adeptos pelo mundo todo.

Desde essa época, se mistura a relação entre ser um ótimo bailarino e ser professor de dança. Estar no palco não significa saber ensinar, ainda que existam excelentes dançarinos que também são docentes de qualidade, é preciso diferenciar os papéis. A sociedade vibra com o espetáculo e se atrai pelo que vê, mas o papel de professores de dança é também lembrar que ensino é mais do que performance estética.

O professor é aquele que cria condições para o processamento das atividades e o aluno, aquele que busca, dentro desse contexto, condições para o seu pleno desenvolvimento. Que nessa relação, o professor também possa aperfeiçoar os conhecimentos já trazidos pelos alunos e, a partir daí, explorar novas formas de conhecimento mais complexas. (VERDERI *apud* LIMA, 2010)

Os Mais da Gafieira é um grupo genial que dança genuinamente o Samba de Gafieira com o estilo tradicional mostrando o que dançavam nos tempos áureos os cavalheiros e suas damas nos grandes bailes de dança e nas escolas de dança. O grupo se formou no final da década de 80 e ainda hoje se apresenta nos bailes da cidade.

Uma parceria de dança que promoveu o Samba de Gafieira, a partir de 1990, Jimmy de Oliveira e Yolanda Reis tornaram-se expoentes ganhando diversos concursos de dança no Rio de Janeiro e participando de programas de televisão além de se apresentarem em muitos lugares do Brasil e outros países da América

Latina e Europa. Ministram workshops em vários estados do Brasil e algumas cidades da Europa. Dançam nos shows de muitos cantores do Brasil como Alcione, Jorge Aragão e Jorge Benjor. E Nessa época, conciliavam as apresentações e turnês com suas atividades como professores nas escolas da Família Reis, além das aulas particulares.

Outro casal de ponta, Marcelo Chocolate e Sheila Aquino, exibia o Samba de Gafieira nos palcos e shows da Alcione no início dos anos 90. Antes disso, a dupla se apresentava na Companhia de Dança Carlinhos de Jesus. Esses artistas, ao contrário da maioria, se dedicaram exclusivamente em dançar nos palcos antes de terem sua própria academia de dança, muitos anos depois.

Os artistas apresentam novas formas na dança a partir das suas expressões. Com a criação dos espaços para a formação, produção e circulação do Samba de Gafieira trouxeram uma enorme contribuição para o campo, particularmente para esse gênero (SÃO JOSÉ, 2005).

Como é possível notar, nem todo bailarino de Samba de Gafieira torna-se professor de dança de salão. No entanto, há uma atração muito grande para essa atividade, levando a maioria dos artistas a buscar alunos particulares ou em escolas. Isso ocorre porque, desde o século passado, são poucas as oportunidades remuneradas fora da atividade letiva. É fato que nem sempre um grande artista é um bom professor, mas nem sempre essa escolha pertence ao profissional. As receitas decorrentes de apresentações, shows e concursos são esporádicas e incertas. Mas há de se notar que mesmo no Tango os grandes bailarinos e mesmo os campeões mundiais não deixam de complementar suas rendas com workshops e aulas particulares. Assim como no caso do Samba de Gafieira, a remuneração obtida com as atividades docentes guarda uma correlação estreita com o sucesso obtido nos palcos e concursos. Isso também leva a uma relação perversa, pois, cientes disso, os produtores de shows e concursos rebaixam os cachês e prêmios sabendo que a visibilidade do artista tem um valor comercial, o qual é apropriado pelos organizadores dos eventos.

4 MERCADO ATUAL

Essa é a minha vida moderno com o tradicional
O ontem e o hoje a se misturar no salão
A alegria nos passos em todo Brasil é sinal
Que a gafeira faz bem e essa é a minha missão

Moderno com Tradicional – Universo Gafeira

O mercado atual é formado principalmente pelas escolas de danças, bailes, shows e eventos que movimentam o Samba de Gafeira. As escolas de danças são importantes para a formação e renovação do público. Os bailes são locais de sociabilização e fidelização do público dançante. Os shows e eventos contribuem para o desenvolvimento da técnica, manutenção dos profissionais e para despertar o interesse do público. Falta ainda hoje uma política pública e um espaço na mídia condizente com o status de mais de um século dessa importante forma de expressão artística e cultural, tipicamente brasileira e carioca.

4.1 Escolas de dança

A grande maioria dos profissionais em destaque na dança sai do subúrbio do Rio de Janeiro, pensando em se desenvolver e aprender como dançarinos e artistas no cenário nacional e internacional. Muitos tornam-se empreendedores, donos de escolas, migram para outros estados brasileiros e para fora do país. Alguns mais destacados conseguem chegar ao teatro, televisão e cinema, mas raros são os que não passam em algum momento de sua vida profissional pelas escolas de dança. É importante destacar que as escolas ensinam dança de salão em geral, com ritmos como: Forró, Bolero, Soltinho, Tango, Salsa, Zouk, Lindy Hop, Rock, West Coast Swing, entre outros, não existindo escolas exclusivas de Samba de Gafeira. Porém muitas parcerias de dança profissionais atuam exclusivamente com o Samba de Gafeira, tais como: Leo Fortes e Robertinha, Kadu Vieira e Vivi Soares, Adriano

Robinho e Evelin Malvares, Vinicius Villiger e Flavia Teixeira, Rodrigo Marques e Andressa Soares, entre outros profissionais que expandem o conhecimento não só para todo o Brasil e também para o exterior.

Jaime Arôxa destaca-se na formação da maioria dos profissionais de dança de salão no Rio de Janeiro e no Brasil. No mercado há mais de 30 anos conta com oficina-de capacitação e orientação profissional, o Curso de Professores. Até hoje, é o maior empresário no ramo, suas escolas mais importantes foram as da rua São Clemente, 155, de 1987 até 2005, depois mudou-se para o número 47 e, em 2013, passou para a rua Arnaldo Quintela. No início de sua carreira como professor de dança procurou desenvolver sua própria metodologia de ensino, separar os gêneros, damas e cavalheiros, ensinando o movimento de cada um separadamente depois fazendo a junção dos pares para fazerem juntos o movimento. Esse método até hoje é seguido por todos os seus formados. Mais tarde promoveu o “Encontro Internacional de Dança de Salão”, em 1995, com diversos profissionais de toda parte do mundo. O evento marcou o início de um trabalho voltado para informação e reciclagem de professores de danças de par. Em 1997 promove o II Encontro Internacional, onde o foco foi a dança competitiva (SALDANHA, 2007). Com o início da pandemia do Covid-19 essa escola de Botafogo encerrou suas atividades, mantendo-se suas escolas na Tijuca, Copacabana, Ipanema, Barra da Tijuca e muitas outras cidades pelo Brasil.

Carlinhos de Jesus não se limita apenas a ser um exímio dançarino de salão, o quê já seria suficiente para justificar sua carreira e todo sucesso que conquistou ao longo de sua vida. Ele é também o mágico coreógrafo de inúmeras comissões de frente no Carnaval Carioca, o grande sambista que empolga a Sapucaí, professor de dança de anônimos e famosos e a personificação da ginga malandra carioca. Mostrou a dança de salão nos palcos, teatro, cinema e televisão, em trabalho como: a novela *Kananga do Japão* em 1989, o filme *Ópera do Malandro*, o musical *Estrela Dalva*, onde contracenava com Marília Pêra. Sua escola de danças leva a dança para os palcos, teatro e cinema, sua metodologia está em trazer gestos do cotidiano para a sala de dança, assim junta teatro, música e dança como fazia na Fundação de Educação Estadual do Menor (FEEM) com sua companhia de dança que formou exímios dançarinos (CABRAL, 2005). Até hoje dançam em diversos lugares no Rio de Janeiro, Brasil e no Mundo. Sua sede ficou localizada em Botafogo, em um polo

formado pela escola do Jaime Arôxa, Espaço Improvado e Casa do Tango. Com a pandemia de Covid-19 mudou de endereço e foi instalar-se em um espaço menor em Copacabana. Outro empreendimento do mesmo empresário fechou suas portas um pouco antes da pandemia, a casa noturna Lapa 40°, a qual se dedicava a eventos diversos, inclusive com espaço para o Samba de Gafieira e atividades culturais.

As escolas Mudanças, Centro Cultural Carioca, Dança CCC e agora Novo CCC são empreendimentos do diretor, professor, coreógrafo e bailarino Isnard Manso, que faleceu no início de 2020. “O samba sempre será gerador principal de movimento” frase que marcou sua filosofia de trabalho, sempre tendo a preocupação na formação dos seus alunos para que não fossem meros executores de movimentos de dança preestabelecidos. Nesse aspecto sofreu importante influência da coreógrafa Pina Bausch e da sua formação acadêmica na Escola e Faculdade Angel Vianna. Para Isnard Manso, o Samba de Gafieira precisa refletir os aspectos sociais e culturais da cidade do Rio de Janeiro. Apaixonado pelo Centro, especificamente pela Praça Tiradentes, idealizou todo o seu trabalho na mesma e até hoje seu trabalho é reconhecido e passado adiante pela as novas gerações formadas por ele. O Dança CCC permaneceu fechado durante toda a pandemia, tendo reaberto recentemente como Novo CCC no mesmo endereço (MIRANDA, 2020c).

Jimmy de Oliveira é criador do Samba Funkeado que tem metodologia própria em seus níveis de evolução iniciante, intermediário, avançado, semi-profissional e profissional. Formou inúmeros profissionais de destaque no mercado atuantes no Rio de Janeiro e no Mundo. Ganhou quase todos os campeonatos de dança em sua época e consolidou-se no mercado abrindo caminho para criação de sua escola. Jimmy, a partir de suas experiências suburbanas e influenciado pelas músicas de Wilson Simonal, Jair Rodrigues e Tim Maia, criou seu próprio estilo de se dançar, o Samba Funkeado, que é um estilo que prolonga a pausa e acelera o tempo forte e usa muitos movimentos inspirados no Samba de Gafieira.

Na Cachanga do Malandro, Carlos Bolacha, que foi aluno de Jimmy de Oliveira, inspirado nos profissionais de sua época que dançavam o Samba de Gafieira mais tradicional, desenvolve metodologia própria, tendo formado inúmeros profissionais de Samba de Gafieira. Em sua companhia de dança, realiza turnês

regulares no Brasil e exterior. Suas aulas são bastante procuradas por turistas e profissionais em busca de desenvolver sua dança. Durante muito tempo, em sua academia existia uma turma específica para os profissionais. A filosofia de trabalho de Carlos Bolacha busca a preservação da memória do Samba de Gafieira.

Situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Studio de Dança Henrique Nascimento, destaca-se na manutenção e renovação do público suburbano. Henrique sempre deixa claro que o subúrbio é berço de grandes profissionais e por isso preocupa-se em desenvolver aspectos metodológicos. Entre as muitas atividades realizadas pode-se mencionar a “Dança dos Alunos Famosos”, um evento semelhante ao programa “Dança dos Famosos”, onde professores e bolsistas de sua escola se apresentam com os alunos para o público e o júri (MIRANDA, 2020a).

Além dessas escolas existem inúmeras outras e até mesmo profissionais que ministram aulas particulares sem espaço próprio. A grande maioria fica situada no Centro do Rio de Janeiro que antes da pandemia tinha pelo menos 37 espaços dos mais variados tamanhos e formatos. Essa localização permite atingir públicos de várias áreas da Região Metropolitana. Também há um número importante de escolas na Zona Sul, mais voltadas aos moradores do entorno. Com a pandemia, os espaços centrais foram os que mais sofreram, havendo um grande número de falências no comércio como um todo. Grande parte da economia do Centro da cidade é movimentada pelo funcionalismo público e trabalhadores de empresas estatais que possuem grandes prédios de escritórios na região, não sendo diferente no caso dos estabelecimentos de ensino de dança de salão. Com a volta escalonada do trabalho presencial, alguns empreendedores do Samba de Gafieira estão buscando retomar as atividades normais, mas o futuro ainda é bastante incerto.

4.2 Circuitos de bailes do Rio de Janeiro

No Brasil, só na cidade do Rio de Janeiro existem bailes de dança todos os dias da semana, em muitos lugares distintos. São espaços formais e informais tais como: escolas de danças, clubes, bares, restaurantes e escolas de samba. Ocorrem

também em lugares públicos: praças, feiras, exposições e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro, Região Metropolitana e Baixada Fluminense. Os bailes contribuem para o desenvolvimento e o acesso ao Samba de Gafieira. Bandas como Copa 7, Os Devaneios, Brasil Show, Real Dance Show e Novos Tempos compõem esse circuito de orquestras que musicalizam esses ambientes. Com a multiplicação dos espaços, os bailes também passam a acontecer com música mecânica e os DJs de dança de salão, começam a ter mercado de trabalho. É importante salientar que raramente se encontra bailes exclusivamente dedicados ao Samba de Gafieira. (PLASTINO, 2006).

Entre esses bailes, em meados da década de 1980, sob a lona do Circo Voador, havia um grande baile chamado Domingueira Voadora. Uma parte dessa pista era dedicada exclusivamente para os profissionais de dança do Rio de Janeiro sob a regência da Orquestra Tabajara. No chão das estrelas, como era chamado o tablado separado do público em geral, mestres e profissionais bailavam em um misto de espetáculo e diversão.

Um dos mais famosos e charmosos baile da cidade é o Baile do Meio Dia, um baile que iniciou através de uma demanda dos alunos, que queriam praticar o que aprendiam em aula. Em uma certa sexta-feira, por conta própria, decidem fazer uma prática de dança no Mudanças. Já são 24 anos onde torna-se um eixo de encontro de frequentadores de diferentes pontos da cidade, várias faixas etárias, muitas classes sociais e também para quem vem de fora do Rio de Janeiro e do Brasil. Nesse tempo todo, o baile só deixou de ocorrer no período da pandemia, mas foi retomado recentemente com a reabertura do agora Novo CCC.

Nas noites de sexta, o baile da Cachanga do Malandro funciona como uma extensão da aula, depois de uma semana intensa, chega a vez de pôr em prática todo o conteúdo. Não só os alunos da escola pavimentam o baile, alunos das demais academias do Rio de Janeiro, vem ao charmoso sobrado onde o chão trepida conforme a música toca e os dançarinos acompanham. Existe um cronograma informal, começa com a prática dos iniciantes, os mais avançados e os profissionais chegam por volta da meia-noite. Até o clarear do dia é Gafieira sem parar em um ambiente de preservação e renovação de um público mais jovem.

Em novembro de 2007, Carlinhos de Jesus inaugurou o Lapa 40°, no coração da Lapa. Essa casa dialogava com um público que não frequentava as academias

de dança. Esses turistas tinham uma programação de dança informal, todo sábado havia um grande baile, mesmo os que não sabiam dançar tinham acesso a bolsistas da escola do Carlinhos de Jesus que bailavam durante toda noite. A casa fechou um pouco antes da pandemia. Na Lapa, também é possível dançar Samba de Gafieira, eventualmente, em casas noturnas como: Rio Scenarium, Carioca da Gema e Bar da Lapa.

Às segundas, no Castelo da Pavuna, acontece o maior baile da Baixada Fluminense, reduto da dança tradicional e do Samba de Gafieira. A maioria do público é de famílias que dançam ao som de música ao vivo de diferentes bandas.

4.3 Shows e eventos

A preservação e a renovação do Samba de Gafieira também passam por esses eventos que valorizam e exportam a cultura do Rio de Janeiro para o Brasil e o mundo. Diferente das atividades regulares das escolas de dança, os eventos ofertam um aprendizado específico em oficinas de curta duração. Os profissionais apresentam suas coreografias para o público participante e para o júri em competições de etapas de coreografias e improvisos. Ocorrem bailes com grandes orquestras, bandas, música mecânica e “DJs”, venda de acessórios e vestuário de dança. Os eventos combinam um ou mais desses elementos num curto espaço de tempo, contribuindo para o desenvolvimento do mercado profissional e do público consumidor.

A Oficina do Samba, de Jimmy de Oliveira, acontece no início de cada ano no Catete e conta com apresentações de dança profissional e aulas. Muitas pessoas aproveitam que estão no Rio de Janeiro em férias para aperfeiçoarem sua dança. São oferecidas oficinas de Samba de Gafieira tradicional e Funkeado, muitos dos profissionais que fizeram essas oficinas, hoje também ministram suas aulas. No final de cada dia acontecem os bailes para a sociabilização dos participantes, apresentações dos profissionais e muita dança para colocar em prática os conteúdos aprendidos.

O Samba Maníacos, promovido por Leo Fortes, conta com aulas práticas e teóricas, palestras, apresentações dos profissionais que ministram aulas e de profissionais convidados, mostra de dança para os que pretendem se profissionalizar, bailes temáticos, bandas, grupo de pagode, gastronomia e vendas de acessórios e vestuário de dança. No último dia é ofertada uma feijoada com um grupo de pagode, que é apreciado especialmente pelos mais jovens, propiciando uma renovação do público, e cujo estilo de música é compatível com os passos de Samba de Gafieira. Também faz parte da programação um baile aberto ao público em geral, promovendo uma integração dos participantes do evento com o público dançante da cidade.

O Gafieira Brasil, idealizado por Patrick Carvalho, Rodrigo Marques, Vinicius Villiger, conta com uma competição que destaca os profissionais da nova geração, apresentando-os ao mercado de trabalho e projetando sua imagem no Brasil e no mundo. Esse formato de competição, com 12 casais que são divididos em 4 equipes, cada equipe tendo um técnico. A equipe de técnicos é formada pelos 3 organizadores e por um profissional de renome convidado. O júri é formado por grandes nomes do Samba de Gafieira e já fizeram parte da banca figuras como Verinha Reis, Sheila Aquino, Yolanda Reis, Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa, Carlos Bolacha, Jimmy de Oliveira, entre outros. As etapas são: coreografia da equipe, coreografia de cada casal e duelos entre equipes na dança de improviso, com a banda tocando ao vivo, sendo premiados o melhor casal e a melhor equipe. É a maior competição de Samba de Gafieira do mundo e ainda inclui apresentações, shows, aulas e promove um grande diálogo entre os profissionais renomados e a nova geração, imbuída de preservar, pensar e refletir o papel do Samba de Gafieira na sociedade e como identidade da cultura carioca. (MIRANDA, 2020b)

O Swing do Black, evento realizado anualmente por Henrique Nascimento há mais de 16 anos, tem seus momentos de apresentações de dança profissional em duplas e companhias de dança, competição de coreografias e improvisos, aulas de dança e “workshops” que servem para aumentar o repertório de movimentos do público pagante. Esse é um dos poucos eventos que ocorrem na Zona Norte, lá não há grandes eventos de dança similares aos que acontecem no Centro e Zona Sul. (MIRANDA, 2020a)

No carnaval muitos profissionais da área coreografam e dançam nas comissões de frente. Nomes como Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa, Patrick Carvalho e Leandro Azevedo já apresentaram seus trabalhos coreografados conectando-se com os processos do Samba de Gafieira, sendo destaque nos desfiles das Escolas de Samba do grupo especial. A dança sempre foi destaque nas Escolas de Samba e muitos casais já dançaram na avenida, atualmente a ala de Carlos Bolacha desfila o Samba de Gafieira na GRES Unidos de São Clemente no grupo especial do carnaval carioca.

As competições e os shows também promovem profissionais para o mercado internacional, em grande parte esse destino é a Europa. Naquele continente, diversas cidades possuem sua associação de Samba de Gafieira onde acontecem aulas, bailes e eventos. Muitas delas abrem espaço e incentivam a ida de profissionais que se destacam no mercado do Rio de Janeiro viabilizando a realização de turnês por diversos países. Essas turnês são importantes para a divulgação e difusão do Samba de Gafieira e também para visibilidade dos profissionais tanto no Brasil quanto no exterior, uma vez que seu sucesso lá fora reforça sua imagem aqui.

5 CONCLUSÃO

O Samba de Gafieira é uma manifestação cultural com mais de 100 anos de existência. Apesar disso, são poucas as informações e registros ao seu respeito. O número de praticantes e profissionais vinha diminuindo mesmo antes da pandemia. Os profissionais que resistem sofrem com a pouca divulgação da grande mídia e com a falta de apoio do poder público. A pandemia agravou uma situação que já era difícil, levando ao fechamento ou à redução de diversos espaços.

Há uma escassez de informações documentadas e acadêmicas sobre o Samba de Gafieira sendo necessário que se faça mais presente nos espaços acadêmicos, fóruns, seminários e espaços culturais para que haja uma maior difusão, preservação e notoriedade. É importante conhecer a história desse ritmo para que seja valorizado e destacado dos demais ritmos da dança de salão brasileira.

As escolas precisam refletir sobre suas metodologias de ensino para que se possa facilitar ainda mais o acesso e a renovação do público consumidor. Também deveriam levar essa dança para os espaços públicos, deixa-la mais popular para que os próprios brasileiros conheçam melhor sua existência e a sua diferença do tradicional Samba que é visto na Sapucaí. Para os professores, são necessárias capacitação e profissionalização continuada para melhorar a qualidade do ensino do Samba de Gafieira.

Essa monografia pode ser complementada por novos estudos sobre temáticas que hoje são abordadas nas escolas de dança de salão. Exemplos disso é a importância do papel das mulheres no Samba de Gafieira e a abordagem da relação condutor e conduzida permitindo uma maior compreensão e a não generalização dos papéis de cavalheiro e dama.

O poder público deve ter uma maior atuação no cenário cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. Atualmente, a maior parte dos recursos públicos na cidade e no estado são capturados pelo carnaval, sendo que outras formas de manifestação cultural são relegadas a um segundo plano pelo Estado, pelas empresas e pela mídia.

REFERÊNCIAS

BILAC, Olavo. A Dansa no Rio de Janeiro. **Kosmos**, Rio de Janeiro, ano III, número 5, p.i. maio, 1906.

CABRAL, Sérgio. **Vem dançar comigo**: Carlinhos de Jesus. São Paulo: Editora Gente, 2005.

DRUMMOND, Teresa. **Enquanto houver dança**: biografia de Maria Antonietta Guaycurus de Souza, a grande dama dos salões. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

EFEGÉ, Jota. **Maxixe**: a dança excomungada. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

ESTEVES, Eulícia. **Acordes e acordos**: a história do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Multiletra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 2004.

LIMA, Meriele Santos Atanazio da Silva. **A importância da dança no processo ensino aprendizagem**: a dança aprimorando as habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento. 2010. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Fundação Educacional Unificada Campograndense. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm>. Acesso em: 22 dez. 2021.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

MIRANDA, Jefferson Luiz das Neves. Falando de dança...: live Henrique Nascimento. Rio de Janeiro, 27 maio 2020a. **INSTAGRAM**, @bilisco.official. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAs2MSiHetS/>. Acesso em 22 dez. 2021.

MIRANDA, Jefferson Luiz das Neves. Falando de dança...: live Vinicius Villiger e Flávia Teixeira. Rio de Janeiro, 03 jun. 2020b. **INSTAGRAM**, @bilisco.official. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA-3LXInPPh/>. Acesso em 22 dez. 2021.

MIRANDA, Jefferson Luiz das Neves. Falando de dança...: live Sergio Balanço. Rio de Janeiro, 05 jun. 2020c. **INSTAGRAM**. @bilisco.oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBEcdiAnXZW/> . Acesso em: 22 dez. 2021.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Divisão de Editoração, 1995.

NOBRE, Carlos. **Guia patrimonial da pequena África**. Rio de Janeiro: Petrobrás, 2014.

PERNA, Marco Antonio. **Samba de gafieira: a história da dança de salão brasileira**. Rio de Janeiro: O autor, 2005.

PLASTINO, Virna Virgínia. **Dança com hora marcada: uma etnografia da atração social em bailes de salão no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SALDANHA, Milton. **As três vidas de Jaime Aroxa: a luta de um vencedor**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2007.

SALOMÃO, Graziela. A história do samba: saiba mais sobre o gênero que se transformou em identidade nacional e sofreu influências de diversos ritmos. **Revista Época**, n. 340, 19 nov. 2004. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR67538-5856.00.html>. Acesso em 22 dez. 2021.

SÃO JOSÉ, Ana Maria de. **Samba de gafieira: corpos em contato na cena social carioca**. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Bahia: UFBA, 2005.

TORRALBA, Ruth. **O corpo imensidão de Pina Bausch: dança-teatro-performance**. [Rio de Janeiro: s. n., 2012]. Disponível em: http://www.idaes.edu.ar/pdf_papeles/82%20O%20corpo%20imensid%C3%A3o%20de%20Pina%20Bausch.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

VEIGA, Felipe Berocan. **O ambiente exige respeito: etnografia urbana e memória social da Gafieira Estudantina**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.

VEIGA, Felipe Berocan. Os ventos que vêm da Lapa: a dança social e a praça Tiradentes como palco de transformações urbanas no centro Carioca. *In*: BRITTES,

Walter Fernando. **Ciudades vivas imaginaciones sobre el territorio.** Posadas: o autor, 2014.